

POLÍTICA

formas de fazer política no PSD de Vila Verde?

LFS: Não é essa a razão pela qual me dirijo à pessoa do Dr. António Vilela. Considero a maioria do PSD como um todo, as opções políticas e as medidas são partilhadas pelos quatro vereadores. Agora, sendo o Dr. António Vilela o presidente é ele que lidera aquele grupo de vereadores e é, em primeira linha, o responsável pelas decisões e atitudes que toma.

JOV: Diz, frequentemente, que António Vilela está a continuar a política iniciada pelo anterior presidente da câmara...

LFS: Sem dúvida nenhuma. Já tínhamos que isso acontecesse porque não nos podemos esquecer que António Vilela foi vice-presidente do anterior presidente durante todos estes anos em que o PSD está na câmara municipal. Mas, dávamos o benefício da dúvida. No entanto, não alterou absolutamente nada, as políticas mantêm-se as mesmas, o concelho continua sem estratégia, sem objetivos definidos e andamos num 'zigue-zague' constante em torno de interesses, muitas vezes duvidosos.

DESENVOLVIMENTO

JOV: Acha que Vila Verde está a perder o comboio do desenvolvimento?

LFS: O concelho tem características muito particulares que lhe permitiram um desenvolvimento económico, social e noutras áreas que lhe possibilitavam uma evolução diferente da que está a acontecer. Está geograficamente bem localizado, é banhado por três rios (coisa que muitos outros concelhos com índices de desenvolvimento superiores ao nosso não têm) e tem uma zona montanhosa que está encostada ao Parque Nacional da Peneda – Gerês. A zona sul está mais desenvolvida porque beneficia



do facto de estar encostada a uma grande cidade, que é Braga. E, apesar disso tudo, Vila Verde continua a ser um concelho sem uma estratégia definida, sem ideias bem delineadas que apenas vai fazendo alguns projectos, algumas obras, mas não tem um desenvolvimento condizente com as suas potencialidades e com as características do próprio território.

JOV: É possível dizer-se que será candidato nas próximas autárquicas?

LFS: Não, em política 3 anos é muito tempo. A candidatura não dependerá certamente só de mim, mas sim da comissão política e dos

órgãos do partido que, na altura certa, decidirão. Em 2005 apresentei-me como candidato e disse que estava disponível para ser candidato em 2009. No ano passado, afirmei que estava disponível para travar este combate contra o actual estado do concelho, contra os efeitos que esta maioria tem feito em Vila Verde e disse que continuava disponível para trabalhar pelo concelho.

DISPONÍVEL PARA RE-CANDIDATURA

JOV: Pode então dizer-se que, se o PS quiser, estará novamente disponível para

se candidatar?

LFS: Isso, com certeza. Assumo sempre os meus compromissos e, quando estou a trabalhar e a esforçar-me por coisas em que acredito, vou até ao fim. Acho que o partido pode sair vitorioso e penso que o concelho só sairá a ganhar. É preciso uma mudança urgente e, diariamente, apreciamos essa vontade de nos vilaverdenses.

JOV: Que 'feedback' tem

recebido da população desde que começou este novo mandato?

LFS: Nos encontros que temos tido com a população, esta diz que estamos no caminho certo e fazem-nos sentir que o nosso trabalho não tem sido inglório. Dizem-nos que, se continuarmos a trabalhar em prol do concelho e dos vilaverdenses, temos todas as condições para ser realmente alternativa ao poder que se instalou desde há muitos anos na Câmara de Vila Verde. O nosso trabalho com as populações já tem dado frutos e há sinais evidentes disso. A zona mais a norte do concelho está agora a começar sentir os resultados positivos da nossa pressão, das nossas propostas. Uma dessas evidências é o parque de campismo de Aboim da Nóbrega que vai agora abrir. Outra é a descentralização de algumas iniciativas da Câmara Municipal para a zona norte do concelho. É pena que tenhamos uma câmara que não age, mas que só reage e, mesmo assim, demorou mais de 12 anos para responder a uma assimetria territorial do seu próprio concelho.

São estas evidências que nos fazem acreditar no nosso trabalho, mas também que nos fazem ter a certeza que o Dr. António Vilela, como presidente do actual executivo, já não tem muito mais para dar ao concelho. Per-

financeira. Estaremos hipotecados durante muitos anos, num cenário em que não há perspectivas para resolução de grande parte dos problemas do concelho.

ZONA NORTE

JOV: Recentemente, o Presidente da Câmara acusou o PS de só se preocupar com a zona norte do concelho...

LFS: São afirmações de quem, desesperadamente, já não sabe o que há-de fazer. Nós defendemos as zonas ribeirinhas pelo que defendemos, necessariamente, a zona sul do concelho que é onde passa o rio Homem e o Cávado. São duas grandes potencialidades para desenvolver o concelho através dessas duas linhas de água. Mas, até agora, pouco aconteceu nessa área.

A zona norte tem marcado parte do nosso discurso porque é uma realidade que toda a gente conhece. Todos sabemos que esta zona está a perder população, que tem índices de desenvolvimento completamente diferentes dos do sul. Não é uma vantagem, nem uma desvantagem, é uma realidade que tem que ser contornada. O desenvolvimento não se faz só com grandes empreendimentos, com muita gente.

É preciso fazer com que as freguesias do norte do con-

Os indicadores apontam para o abismo, os erros de muitos e muitos anos desta gestão autárquica, na qual participou o Dr. António Vilela, levaram o concelho para uma situação de catástrofe financeira. Estaremos hipotecados durante muitos anos, num cenário em que não há perspectivas para resolução de grande parte dos problemas do concelho.

deu a imaginação, perdeu as ideias e está apenas a gerir a actual situação com o objetivo de manter a pequena vantagem eleitoral que ainda tem em relação ao PS. Não basta ter discursos, não chega dizer que os vilaverdenses são a prioridade, que os idosos e os jovens são alvo de especial atenção por parte da Câmara Municipal. Tem que se definir uma estratégia para o concelho de Vila Verde e depois trabalhar nesse sentido, porque não podemos andar aqui ao sabor das conveniências ou dos momentos.

Os indicadores apontam para o abismo, os erros de muitos e muitos anos desta gestão autárquica, na qual participou o Dr. António Vilela, levaram o concelho para uma situação de catástrofe

celho não fiquem totalmente despovoadas. Para isso, é necessário dar uma atenção diferente da que é necessária à zona sul. São realidades diferentes, embora o concelho deva ser pensado harmoniosamente e como um todo.

JOV: Como vê a actuação do vereador Porfírio Correia?

LFS: Tem sido perfeita, estamos em perfeita sintonia. O Dr. Porfírio Correia foi uma mais-valia para o PS e vai manter-se da mesma forma que esteve até aqui, ou seja, consciente da responsabilidade que assumiu perante os vilaverdenses e a dar o melhor de si em prol do concelho.

«Movimento Por Vila Verde tem vida própria»

JOV: O movimento 'Por Vila Verde' é mais uma estrutura do PS ou é mais do que isso?

LFS: É muito mais do que isso. O movimento cívico surgiu, na altura da campanha eleitoral, como um movimento de apoio à candidatura do Partido Socialista. Na altura, foi protagonizado por poucas pessoas e ligado à minha candidatura, mas depressa começou a chegar a outros públicos o que acabou até por nos surpreender.

Neste momento, tem vida própria e tem uma frequên-

cia diária enorme. O site, na altura das eleições autárquicas, tinha uma média mensal de visitas que rondava os 10 mil acessos. Daí para cá, e ao contrário das nossas expectativas, tem tido uma evolução muito positiva e isso prova que as pessoas sentem que há alternativa, que há outros meios para fazer chegar a mensagem, não só do Partido Socialista mas de todos os que se interessam pelo concelho.

JOV: Uma das principais formas do 'Por Vila Verde' passar a sua mensagem

é na internet. Acha que esta é uma nova maneira de fazer política a nível concelhio?

LFS: Gostava de deixar claro que o site não é do PS e não tem ligações ao partido, apenas tem autores e opinadores, como eu, que pertencem ao Partido Socialista.

Deve-se aproveitar este novo canal de comunicação, que cada vez mais está vulgarizado e que é um excelente meio para comunicar as nossas mensagens, para dar a conhecer as nossas propostas e ideias. Mas, sobretudo,

o site serve para promover a discussão em torno de Vila Verde, é uma plataforma de discussão que não se resume a um ou outro assunto e que é alimentada pelas pessoas que nela participam.

Vila Verde ainda não tem cobertura para aceder a esse canal de comunicação em todo o seu território mas, certamente, que um meio com aquelas potencialidades não pode ser descurado e é uma 'arma' que pode ser utilizada por todos os partidos e não só o PS.

«Não terei um papel muito activo nas eleições presidenciais»

JOV: O PS declarou apoio a um candidato para as próximas eleições presidenciais e, recentemente, surgiu uma candidatura da área socialista (Defensor Moura). Como é que o PS de Vila Verde analisa esta situação?

LFS: O PS tem os seus órgãos e estes decidiram qual o candidato a apoiar. Por isso, em termos de estrutura concelhia o apoio será dado a esse candidato. Mas, o partido é constituído por militantes que têm liberdade para apoiarem o candidato que entenderem.

JOV: A título pessoal estará disponível para apoiar a candidatura de Manuel Alegre?

LFS: Não terei um papel muito activo nas eleições presidenciais.

JOV: Como estão as relações com os chamados 'históricos' do partido?

LFS: Sem desprezar o trabalho de ninguém, porque muita gente já passou pelo Partido Socialista e são merecedores do nosso respeito pelo trabalho que fizeram ao longo dos anos, pela forma como aguentaram o PS num concelho difícil como o de

Vila Verde. Mas, o partido está constantemente a mudar e a história do PS faz-se diariamente. O partido é constituído pelas pessoas que estão, que querem estar e que dão corpo às estratégias do PS. É desta forma que eu vejo o PS, com esta simplicidade e com esta tranquilidade. O PS de Vila Verde está a trabalhar muito bem, tem órgãos dinâmicos que funcionam todos os dias, está muito bem representado na Assembleia Municipal e todos estão em perfeita sintonia. O partido que me interessa neste

momento, que interessa ao concelho e que pode ajudar a formar uma candidatura vencedora no concelho de Vila Verde, é o PS que existe neste momento.

JOV: Como tem sido o relacionamento com a JS?

LFS: A JS tem órgãos próprios, tem vida própria, mas está consciente e em perfeita sintonia com os objectivos do Partido Socialista. Os objectivos da JS e dos seus líderes passam por ganhar as eleições em Vila Verde.

Luís Filipe Silva na primeira pessoa

JOV: Qual o seu local preferido de férias?

LFS: Não sou muito exigente no que toca a férias. Um das boas férias é sair da rotina, deixar de fazer o que se faz todo o ano. Sempre que posso, gosto de férias activas, de visitar locais, de conhecer novas paragens e novas realidades. Costumo fazer isso dentro do nosso país e só muito esporadicamente é que saio do país. Ando sempre aqui nas imediações, porque há muito para conhecer próximo de nós. Não tenho nenhum lugar de eleição, porque não gosto de repetir locais, todos os sítios têm os seus encantos e características próprias que me fazem sentir bem.

JOV: Como gosta de ocupar os seus tempos livres?

LFS: Todas as semanas tiro umas 3 ou 4 horas para fazer BTT. É uma prática desportiva que não dispensio, todos os fins-de-semana saio com um grupo de Vila Verde e já percorremos o concelho quase de uma ponta à outra, por caminhos inimagináveis que me permitem ter uma visão real do concelho, das suas fraquezas e condicionantes, mas também das suas muitas potencialidades e características que podem ser aproveitadas.

JOV: O BTT é o seu desporto de eleição?

LFS: Sem dúvida, embora já tenha praticado outros desportos. Nunca fui muito de me dedicar ao futebol, mas já pratiquei canoagem e Aikido. Tornei-me num grande adepto do BTT porque permite associar o lazer e o con-



vívio à prática desportiva.

JOV: Tem alguma preferência clubística?

LFS: Tenho uma simpatia pelo Benfica desde miúdo, mas é só uma simpatia.

JOV: Costuma ir ao cinema?

LFS: Cada vez menos, já fui mais frequentador das salas de cinema.

JOV: Que tipo de livros prefere?

LFS: Estou em constante formação e ainda não acabei a minha actividade académica, pelo que sou frequentemente absorvido por revistas técnicas e artigos científicos. Não tenho muito tempo para ler obras literárias propriamente ditas ou ficção. Normalmente, a disponibilidade que tenho para ler é necessária para a minha actividade profissional e formativa.

JOV: Em termos gastronómicos, é um bom 'garfo'?

LFS: Sendo minhoto e de um concelho como o nosso, penso que somos todos bons 'garfos'. Um dos meus prazeres é uma boa refeição, embora sem exageros. Prefiro os pratos mais característicos da nossa região, mas também gosto de experimentar cozinhas algo diferentes da nossa. O 'pica no chão', que agora está na moda no concelho de Vila Verde, é um dos pratos que como com regularidade, mas também gosto de coisas muito simples, como o bacalhau assado na brasa só com azeite e cebola.

JOV: E para acompanhar a comida?

LFS: Devia ser com vinho verde mas, se não for

um bom vinho verde, prefiro maduro ou mesmo água. Sou membro da Confraria dos Gastrónomos do Minho, por isso tenho alguns deveres, nomeadamente, o de alinhar pelos pratos e sabores da nossa região. O vinho verde é uma dos produtos que temos de defender e, felizmente, há cada vez mais bons produtores de vinho verde. Os hábitos dos consumidores começam a mudar e o vinho verde está a ganhar terreno.

JOV: Tem algum restaurante preferido?

LFS: Não. Gosto de conhecer o que vai aparecendo, normalmente à medida que os restaurantes vão abrindo eu vou visitando. Não gosto de me fidelizar num só restaurante ou num só local.

Manuel Alfredo Oliveira
ovilavardense@gmail.com

OPINIÃO



Manuel Brito Costa,
Licenciado em Turismo
e-mail: mbriturismo@sapo.pt

Viagem a Portugal de José Saramago II

(continuação da edição anterior)

II – Pontos essenciais do livro

O primeiro aspecto a ter em conta nesta obra é o carácter autobiográfico da viagem: «o viajante é natural de terras baixas, muito lá para o sul, e, sabendo pouco destes montes, esperava-os maiores» (pg.23). Estamos perante uma narrativa que procura ser em simultâneo uma crónica e um roteiro cultural (turístico) de Portugal. Esta obra nasce de um pedido da Círculo de Leitores a José Saramago para elaborar um roteiro turístico dos principais locais de Portugal.

Não obstante, a nosso ver, não nos parece que Viagem a Portugal possa ser classificado desse modo, mas antes como uma narrativa ficcional e inventivo-criativa, por vezes sem objectividade nem rigor estético na classificação patrimonial, que conta a viagem de um viajante, deambulando entre a positividade e a subjectividade das situações. Esta depreciação advém não por falta de gosto estético ou desvalorização premeditada, mas porque Portugal inteiro, de Norte a Sul, tudo o que existe lhe faz lembrar um país rural, parado no tempo, numa sociedade que contempla o passado. Toda essa memória artística lhe faz lembrar a invocação da "alma portuguesa" tão cara a Saramago. Mesmo quando percorre as grandes cidades portuguesas (Lisboa, Porto e Coimbra), o que delas retém não a vida urbana presente mas o Portugal do passado, a imagem inocente de um povo sem cultura e de um país estruturalmente atrasado.

Por isso, estamos perante uma viagem e escrita que se convertem em trabalho, tal como o autor descreve numa das passagens do livro, pois convém não esquecer que esta obra terá contribuído para um certo desafogo financeiro do escritor, que nesta altura estava com problemas económicos. Por aqui percebemos a subjectividade com que apresenta a situações, sem, no entanto, deixar de evocar um certo grau de realismo. Ora vejamos:

«Afinal, que viajar é este? Dar uma volta por esta cidade de Miranda do Douro, por esta Sé, por este Sacristão, por esta cartolinha e esta ovelha, e isto feito, marcar uma cruz no mapa, meter rodas à estrada [...] Viajar deveria ser outro concerto, estar mais e andar menos, talvez até se devesse instituir a profissão de viajante [...], cada quilómetro não vale menos que um ano de vida [...] Lutando com estas filosofias, acaba o viajante por adormecer, e quando de manhã acorda lá está a pedra amarela, é o destino das pedras, sempre no mesmo sítio, salvo se vem o pintor e a leva no coração» (p. 18).

Esta descrição é claramente subjectiva, muito embora aparecem referências factuais a um determinado monumento, deixando entrever a displicência do viajante (e do autor) em relação ao turismo, à inspiração e à simbologia inscrita em cada pedra e em cada património. Para ele, tudo se resume à necessidade de se «instituir a profissão de viajante, pois cada quilómetro não vale menos que um ano de vida». A ideologia do autor manifesta-se na avaliação que faz do património, visível na passagem que se segue:

«O viajante dá uma volta pela aldeia, mal chega a dá-la, porque de súbito surge-lhe pela frente uma gigantesca tartaruga negra, é a igreja do lugar, de grossíssimas paredes, uns enormes botaréis de reforço que são as patas do animal» (p. 19).

(continua na próxima edição)